

## Indisciplina na escola: de onde vem e para onde vai?

(Indiscipline in the school: from where it comes and where it goes?)

Paula Antoniete Ferreira Fontana<sup>1</sup>

<sup>1</sup>União de Tecnologia e Escolas de Santa Catarina (UTESC) – Joinville – SC  
paulaantoniete@yahoo.com.br

**Abstract:** *In this paper, we try to show some of the main causes of the indiscipline and the aggressiveness that are present in the classroom, especially relating it with the lack of limits at home. Also we try to question the punishments that many times are applied on the pupils who are considered undisciplined, raising reflections about the importance of the dialogue between teachers and its pupils, and about the possibility to create, through this exactly dialogue, some more interesting and dynamic lessons, the best antidote for the indiscipline.*

**Keywords:** *indiscipline; aggressiveness; limits; dialogue; participation.*

**Resumo:** *Neste artigo, procuramos mostrar algumas das principais causas da indisciplina e da agressividade presentes na sala de aula, relacionando-a especialmente com a falta de limites em casa. Também buscamos questionar as punições que muitas vezes são aplicadas aos alunos tidos como indisciplinados, levantando reflexões sobre a importância do diálogo entre os professores e seus alunos, e sobre a possibilidade de criar, por meio deste mesmo diálogo, aulas mais interessantes e dinâmicas, o melhor antídoto para a indisciplina.*

**Palavras-chave:** *indisciplina; agressividade; limites; diálogo; participação.*

### 1. Introdução

Este trabalho foi realizado a partir da observação de alunos em sala de aula e levou em consideração um amplo estudo bibliográfico levado a cabo no âmbito da psicopedagogia. Seu objetivo é discutir a agressividade e a indisciplina que crianças e adolescentes apresentam dentro e fora da sala de aula.

Conforme inúmeros relatos que se escutam nas escolas, é grande o desafio que professores têm encontrado em relação à indisciplina de alunos, tanto na rede pública, como na particular. Sabe-se que não se trata de um problema especificamente brasileiro, apesar das peculiaridades aqui encontradas. Temos notícias de gangues estudantis que têm espancado professores na França, bem como do alto número de mortes nas escolas públicas estadunidenses e das terríveis conseqüências da rígida disciplina japonesa que leva muitos de seus estudantes ao suicídio, apenas para citar alguns casos.

Mas qual o motivo disso tudo?

O que leva os jovens de hoje a terem uma atitude tão violenta e imprevisível? Por que é tão comum ouvirmos frases como “no meu tempo não era assim”? Ou “antigamente o professor era respeitado”? Será que os jovens de hoje não conseguem adaptar-se à escola? Ou

será que é a escola que ficou estagnada, presa a conceitos antiquados, a uma estrutura de poder medieval que coloca o professor como centro do mundo?

É a partir destes questionamentos que buscaremos levantar reflexões que nos ajudem a encontrar algumas pistas para solucionar o enigma da repulsão que muitas vezes parece existir entre alunos e escola.

## **2. Aspectos familiares**

Todo problema tem uma origem. Se há indisciplina dos estudantes nas escolas, certamente esse tipo de atitude tem suas raízes em experiências anteriores.

Que experiências anteriores trazem uma criança que recém ingressou na escola e apresenta comportamento inadequado e muitas vezes agressivo? A experiência do convívio familiar, sem dúvida. E a maioria dos especialistas está de acordo que os problemas de indisciplina na escola têm como base a falta de limites em casa. Segundo Içami Tiba, por exemplo:

A educação ativa formal é dada pela escola. Porém, a educação global é feita a oito mãos: pela escola, pelo pai e pela mãe e pelo próprio adolescente. Se a escola exige o cumprimento de regras, mas o aluno indisciplinado tem a condescendência dos pais, acaba funcionando como um casal que não chega a um acordo quanto à educação da criança. O filho vai tirar o lucro da discordância pais/escola da mesma forma que se aproveita quando há divergências entre o pai e a mãe. (TIBA, 1996, p. 165)

Não há dúvida de que o sistema de educação dentro do âmbito familiar mudou muito nos últimos anos. Há algum tempo atrás, vigorava a disciplina moldada a martelo, imposta pela força. A criança que desobedecia a seus pais era castigada, muitas vezes com violência física.

Com os diversos conceitos psicanalíticos e psicológicos que ganharam força especialmente nas décadas de 1960 e 1970, a educação familiar foi arremessada a um outro extremo e deu-se abertura a uma educação sem limites. Os filhos podiam tudo, os pais nada podiam.

Isso gerou inúmeros reflexos que são sentidos até hoje. São muitos os pais que continuam acreditando que não se pode proibir nada aos filhos, que eles têm que ter liberdade para fazer o que tiverem vontade e quando tiverem vontade.

Felizmente, conforme vimos nas palavras de Tiba, estes conceitos estão mudando e muitos pais estão começando a buscar o equilíbrio entre liberdade e responsabilidade. A palavra de ordem agora é: LIMITE!

Mas é evidente que as coisas não mudam de uma hora para outra. Enquanto a nova cultura do limite vai se impondo gradativamente no meio familiar, ainda há muitos alunos envolvidos pela couraça protetora do “deixe fazer”. Logicamente isto traz reflexos negativos para dentro da escola, conforme veremos em seguida.

## **3. Reflexos escolares**

Crianças indisciplinadas em casa, alunos indisciplinados na escola. Infelizmente não há como fugir desta equação.

Uma criança que não reconhece seus pais como figura de autoridade, dificilmente reconhecerá isto em um estranho, seja ele seu professor, coordenador pedagógico ou diretor de escola.

Se não há este reconhecimento, a criança segue fazendo o que bem entender. O grande problema é que, no ambiente escolar, como em qualquer sistema comunitário, não respeitar os espaços alheios causa terríveis transtornos, que são vivenciados como conflitos de todo tipo.

Se for verdade que a atitude indisciplinada do aluno tem suas raízes no convívio familiar, entretanto, não se pode negar que, uma vez que este tipo de atuação já está cimentado, cabe ao professor preparar-se para lidar com este tipo de situação, através da reflexão contínua sobre o fazer pedagógico e de um trabalho de formação continuada em que mantenha contato com os estudos mais atuais sobre comportamento e limites.

Aliás, para Tognetta, o grande problema da indisciplina discente não é ela em si mesma, mas o fato de que os professores não sabem lidar com ela:

Quando as pessoas apresentam-se agressivas ou violentas não se pode negar que tal comportamento é resultado de angústias, ansiedades, preocupações mal resolvidas. A maioria dos professores sabe disso. O diagnóstico é sempre preciso, dizendo que as crianças, constantemente, trazem problemas de casa. A questão é que, na maioria das vezes, ao tratar o comportamento agressivo tais professores desconsideram essas causas. Não nos damos conta que o tratamento dado à violência é também sinal dela. Quando uma criança é castigada, o que acontece nem sempre é visível aos nossos olhos. Kamii (1991 a) se refere a três possíveis conseqüências do castigo e das punições: as crianças se rebelam, ou se conformam ou ainda calculam os riscos de serem pegas tendo um comportamento inadequado aos olhos do adulto. Por um outro olhar, a criança castigada sente-se incompreendida, não amada. Há uma fala comum entre nós de que “a melhor defesa é sempre o ataque”. Assim a criança age. Pode se sentir com tanta raiva a ponto de fazer ainda pior ou sentir-se tão pequena, a ponto de formar uma auto-imagem merecedora de castigos e incapaz de realizar quaisquer outras tentativas de satisfação pessoal. (TOGNETTA, 2004, p.4)

Assim, vemos que as atitudes punitivas adotadas por muitos professores, como subtrair notas, suspender da aula ou quaisquer outras que possam ser encaradas pelos alunos como agressivas, em geral estarão fadadas ao fracasso, pois receberão uma resposta igualmente agressiva por parte dos alunos, o que se converterá em uma bola de neve sem fim.

#### **4. Como equacionar?**

Aqui encontramos a grande dificuldade.

Se considerarmos como verdade que a indisciplina vem de casa, o que os professores podem fazer a respeito? Sem dúvida que não existem ferramentas para se obrigar aos pais que eduquem seus filhos de forma que fique cômodo ou que seja mais conveniente para o ambiente escolar. Cabe, então, aos seus professores a responsabilidade de criar ferramentas que tornem a escola um ambiente agradável, em que todos possam conviver da forma mais harmoniosa possível, dentro das grandes limitações que nós, seres humanos, temos para isso.

A grande questão neste ponto, é que os professores não sabem lidar com o problema da indisciplina: em geral, a “violência” perpetrada pelos alunos é respondida com mais violência.

O que ocorre normalmente é que a primeira ação dos professores é ameaçar com perda de nota. É comum ouvir nas salas de aula: “Fulano, se não ficares quieto vou te dar ponto negativo”.

Este tipo de ameaça, sem dúvida, não é a resposta para a indisciplina dos alunos.

Outra ameaça comum é a da suspensão.

Em enquête realizada pela revista “Nova Escola”, da Fundação Victor Civita, publicada na página 23 da edição de novembro de 2005, percebe-se que não só professores, como também alunos, consideram natural a retirada de um aluno da sala de aula.

Porém é preciso que nos perguntemos até que ponto isso resolve. Não se pode negar que é bastante cômodo afastar da sala o elemento que está causando algum tipo de desordem, porém este tipo de ação tem dois lados. É verdade que o aluno excluído pára de perturbar durante os quarenta ou cinqüenta minutos da aula, mas será isso suficiente para que ele tenha condições de reavaliar sua postura e mudar de atitude? Ou será que estaremos apenas calando momentaneamente aquela criatura para que mais tarde, sejam dias, meses ou até anos, ela venha a explodir em novas formas de revolta e agressão?

Muitos teóricos, como Werneck, por exemplo, mostram-se extremamente contrários à suspensão e demonstram seu ponto de vista com fundamentos muito bem cimentados, como os que seguem:

[...] parece-me que a “suspensão” está fora de época, não educa, apenas transfere o problema, aguardando de modo behaviorista que a penalidade corrija o “infrator”. Isso, de fato, não ocorre, porque a correlação de forças é outra em nossa sociedade. Pergunta-se, ainda: o castigo é para o aluno ou para sua família? Outra questão: não deveria a escola responsabilizar-se pela reeducação desse educando?

No entanto, como costuma ser, a pergunta clássica refere-se aos casos extremos, quando o aluno pratica atos incompatíveis com a conduta, ferindo relacionamento, perturbando o bom andamento da escola e desrespeitando seus colegas e educadores. Nesses casos torna-se necessário que a escola use seus meios de educação, tais como: orientação educacional, psicólogo, entrevista com setores encarregados da convivência escolar, chamada dos pais à escola para entrevista, usando os tempos destinados às aulas para que se proceda à reeducação. Essa questão, porém, continuará a ser uma tarefa da escola e da família. Quando faz pirraça, uma criança pode ser engraçada; quando, todavia, a partir de quatro anos começa a chutar pessoas, convém perguntar: quem precisa de tratamento, a criança ou a família dela? O mesmo ocorre em relação à sala de aula: quem precisa mudar, o aluno ou o professor? (WERNECK, 2005, p. 63-64)

Eis, de fato, a grande questão: quem deve mudar, o aluno ou o professor? É claro que há muitos alunos dentro da sala de aula que são capazes de causar um verdadeiro caos, mas não podemos nos esquecer que os tempos são outros. A época em que vivemos o dia-a-dia da escola como alunos era muito diferente da época atual. Além disso, com o grande fluxo de informação que existe nos dias de hoje, os alunos tornam-se naturalmente mais inquietos: eles querem informação rápida e interessante, eles exigem movimento e isso é tudo o que a escola não lhes dá.

Se a escola não está equipada para satisfazer as necessidades imediatas dos alunos, cabe a cada professor prover os meios para que suas aulas tornem-se mais interessantes, atraentes e cativem a atenção dos alunos.

Alguém já viu, por acaso, uma criança se importar de ficar horas a fio sentada na frente de um videogame?

Lógico que não! Então, se a criança consegue manter-se, disciplinadamente, sentada e atenta enquanto joga, por que não é possível fazer com que nossas aulas funcionem da mesma maneira?

Muito desse problema reside na inabilidade dos professores de tornarem suas aulas atraentes. E por que isso acontece? Porque os professores não conhecem os anseios de seus alunos, não têm a mínima idéia dos gostos e interesses daquelas criaturas que estão ali sentadas para ouvi-lo.

O segredo, então, para cativar a atenção dos alunos e evitar as atitudes de indisciplina, estaria na capacidade de diálogo do professor. Um professor que sabe dialogar e, sobretudo tem sensibilidade para ouvir seus alunos, tem condições de conseguir resultados extremamente positivos com seus grupos.

Veja-se o que diz Sampaio, a este respeito:

Para que a indisciplina não brote quase por geração espontânea, é útil que o professor tenha bem presente a importância dos aspectos relacionais com os seus alunos. Se o professor continuar a valorizar apenas a sua função de instrução (transmitir conhecimentos), é mais provável que os conflitos disciplinares apareçam. Para evitar tal situação, a tônica da acção da escola deverá centrar-se na prevenção da indisciplina e não na forma de a controlar.

Em resumo, a nível da nossa lente média, a escola deve começar por reorganizar-se e por desenvolver competentemente o trabalho pedagógico, para de facto prevenir a indisciplina. Muitas iniciativas actuais vão no sentido oposto: quando a escola multiplica faltas disciplinares e conselhos de turma para propor a aplicação de suspensões, não está a resolver o problema do aluno, está provisoriamente a resolver o problema do professor. (SAMPAIO, 1997, p.7)

## **5. Considerações Finais**

Com tudo o que vimos neste artigo, é importante que destaquemos alguns aspectos finais:

- 1º. A indisciplina dos alunos nas escolas tem ligação direta com a falta de limites dada pelos pais em casa. Eis aqui a resposta à nossa primeira pergunta: indisciplina, de onde vem?;
- 2º. A indisciplina em casa repercute diretamente na sala de aula;
- 3º. Métodos disciplinares “agressivos” como tirar notas ou suspender, só tendem a gerar mais agressão dos alunos, que se manifesta sob a forma de mais indisciplina, ou seja, a contestação da ordem estabelecida.

Para onde vai, então, a indisciplina?

Isso depende de nós, como professores. A princípio, há dois caminhos possíveis.

No primeiro caso, contra-atacamos a indisciplina com “agressividade” e esta indisciplina se tornará mais forte ou, talvez, mais insidiosa, minando gradativamente o espaço da sala de aula.

No segundo caso, agimos como educadores e buscamos, junto com os alunos, uma solução para o problema através do diálogo e da compreensão mútua, e esta indisciplina, aos poucos, se tornará a mola propulsora de uma nova realidade escolar, em que a “agressividade” dos alunos será redirecionada para o estabelecimento de uma sala de aula participativa, em que a construção do conhecimento possa ser compartilhada por todos, com suas limitações e dificuldades.

## **6. Referências**

AQUINO, Júlio. *A violência escolar e a crise da autoridade docente*. Disponível em: <[http://www.contemporaneo.com.br/leitura/artigos/violencia\\_escolar.pdf](http://www.contemporaneo.com.br/leitura/artigos/violencia_escolar.pdf)> Acesso em: 24/out/2005.

CANIATO, Ângela. *Da violência no ethos cultural autoritário da contemporaneidade e do sofrimento psicossocial*. Disponível em: <<http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/artigo%204.pdf>> Acesso em: 20/out/2005.

- KUDE, Vera Maria; RAMMINGER, Simone; LEWGOY, Clarissa; KNÜPPE, Luciane; PLENTZ, Margarete. *A construção do limite na educação infantil*. Disponível em: <<http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=3818>> Acesso em: 10/out/2005.
- SAMPAIO, Daniel. *Indisciplina: Um signo geracional*. Disponível em: <<http://www.iie.min-edu.pt/inovbasic/biblioteca/ccoge06/caderno6.pdf>> Acesso em: 28/out/2005.
- SANTANDER, Alejandro. *Cuando prevenir la violencia no basta*. Disponível em: <<http://www.campus-oei.org/revista/deloslectores/766Castro258.PDF>> Acesso em: 02/nov/2005.
- TIBA, Içami. *Disciplina, limite na medida certa*. Ed. Gente. São Paulo. 1996.
- TOGNETTA, Luciene. *A educação de sentimentos e a moralidade infantil*. Disponível em: <<http://www.fam.br/publicacoes/revistadialogica/n1.edu.art.1.prof.p.1-12.pdf>> Acesso em: 24/out/2005.
- VAZ, Solange. *A “criança problema” e a normatização do cotidiano da educação infantil*. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br/007/07vaz.pdf>> Acesso em: 28/out/2005.
- VÓVIO, Cláudia. O aluno indisciplinado deve ser colocado para fora da sala de aula? *Nova Escola*, São Paulo, n.187, p. 23, nov.2005.
- WERNECK, Hamilton. *Pulso forte e coração que ama: A indisciplina tem jeito*. Ed. DP&A. Rio de Janeiro. 2005.